MOMBAÇA

AUGUSTO TAVARES DE SÁ E BENEVIDES

I

No canto II dos Lusíadas, o imortal vate português diz que, instigado pelo demónio, pretende El-Rei de Mombaça — cidade da costa de Melinde, na África Oriental — destruir a frota de Vasco da Gama:

"*Dar El-Rei de Mombaça o fim prepara*
Ao Gama ilustre, com mortal engano."

O vocábulo Mombaça, como se vê, é alienígena. O motivo por que designa a região, esclarece-o a tradição. Reza esta que, nos meados do século XVII, o primeiro português que chegou àqueles centros da Capitania estivera em Mombaça, na África. Notando grande semelhança entre aquela porção do território africano e a região cearense, deu a esta o nome, por que desde então é conhecida.

Os sertões de Mombaça, situados no centro do Ceará, entre

"os Inhamuns e o extenso plató ou alto sertão de Quixeramobim, encimados pela serra de Santa Rita e por um cordão de serrotas baixas, justamente onde mais se abatem os ramos da cordilheira circular da Ibiapaba, na curva S. E.", compreende diversos municípios, entre os quais Mombaça e Senador Pompeu, banhados pelo rio Banabuiú, o Rinaré dos aborígines.

O Banabuiú, descoberto pelo moço Manuel de Góis, que "merece ser destacado entre os bravos estancieiros que, no Nordeste, tiveram projecção verdadeiramente civilizadora", começou a ser povoado no fim do século XVII, quando foram concedidas as primeiras datas de sesmarias.

Em 12 de Outubro de 1706, o Capitão-mor Gabriel da Silva Lago concedeu três léguas de terra, no rio Banabuiú, a MARIA PEREIRA DA SILVA, JOÃO DE BARROS BRAGA e SERAFIM DIAS. Cada donatário tomou posse de uma légua e o sesmo, assim dividido, ficou sendo conhecido pelos nomes de seus proprietários. As fazendas "João de Barros" e "Serafim Dias" estão situadas, respectivamente, ao nascente e poente da cidade de Mombaça, confinando-se com a "velha fazenda Maria Pereira", que compreendia a parte central das três léguas sesmadas.

II

Segundo a tradição e inventários antigos, os primeiros habitantes do Município de Mombaça foram: 1-MARIA PEREIRA DA SILVA; — 2—SERAFIM DIAS; — 3—PEDRO BARBALHO; — 4—CAPITÃO PEDRO DA CUNHA LIMA; — 5—RODRIGO FRANCISCO VIEIRA; — 6—JERÓNIMO DA COSTA LEITE; — 7—ANTÓNIO LEMOS DE ALMEIDA; — 8—JOSÉ DE GÓIS E MELO; — 9—ANTÓNIO FERREIRA MARQUES; — 10—SARGENTO-MÓR COSME RABELO VIEIRA; 11—RAFAEL PEREIRA SOARES; 12 — ANACLETO MARTINS CHAVES; — 13—JOÃO ALVES CAMELO; — 14 — FRANCISCO JOSÉ DE FONTES BRAGA.

1) MARIA PEREIRA DA SILVA. Morava em Pernam-

buco, quando pedíu terras no Banabuiú. Não se sabe com quem foi casada e se deixou, além de Teresa de Sousa, outros filhos. O Cel. Olímpio Francisco Vieira, octogenário falecido em 1928, conhecedor das cousas da região, disse-me, certa vez, que Maria Pereira era casada com Serafim Dias, que tinha um filho de nome José Pereira da Silva. Enganou-se o Cel. Olímpio. A mulher de Serafim Dias chamava-se, como verifiquei em inventário antigo, Inácia Pereira da Silva. O Barão de Studart conjectura que Maria Pereira fora casada com Pedro Barbalho. Do inventário procedido em 1768, dos bens deixados pelo Sargento-mor Pedro de Abreu Pereira, consta que este era genro de Pedro Barbalho e Teresa de Sousa. Consequentemente, Maria Pereira, ao invés de mulher, era sogra de Pedro Barbalho. Presumia-se que Maria Pereira da Silva jamais residira na terra que lhe foi dada em 1706. A presunção não tinha, como não tem, fundamento. Não padece dúvidas de que ela ali morou muitos anos, criando gados e deixando grande descendência. Residiu em uma casa nas proximidades da Capela de Nossa Senhora da Glória, da qual ainda há vestígios de alicerces de pedra. A sua fazenda conservou-lhe o nome que, mais tarde, foi dado ao Município.

2) SERAFIM DIAS. Português. Foi casado com Inácia Pereira da Silva, de cujo consórcio ficaram dois filhos: José Pereira da Silva e Maria Inácia da Silva. Enviuvando, uniu-se com uma índia, deixando numerosa prole. Seus descendentes ainda hoje são conhecidos "pela gente de Serafim Dias". Viveu na fazenda que conservou o seu nome, à margem do Banabuiú, distante uma légua da cidade de Mombaça. Envolvendo-lhe o nome, existe a lenda da "Gata de Serafim Dias". Possuía ele, diz a lenda, uma gata que lhe merecia grande estima. Falecendo Serafim Dias, ao ser transportado seu cadáver para sepultamento na então Povoação de Mombaça, a gata acompanhou o cadáver até a margem do Banabuiú, ali ficando, sem poder prosseguir, porque o rio estava cheio. Em dado momento, quando permanecia à beira do rio, uma piaba, num salto vadio, pulou fora, caindo na areia, e a gata esfomeada como estava, teve uma refeição providencial. Os dias foram-se passando e a gata, sempre à margem do rio, esperava que outra piaba saltasse

fora, até que morreu de fome na constante cegueira de esperar... Em Mombaça, ainda hoje, quando alguém persiste numa esperança de quase impossível realização, diz-se: "está com a cegueira da gata de Serafim Dias".

3) PEDRO BARBALHO. Português. Foi casado, como já ficou dito, com Teresa de Sousa, filha de Maria Pereira da Silva. Uma filha deste casal, de nome Maurícia Pereira da Silva, casou-se com o Sargento-mór Pedro de Abreu Pereira, primeiro proprietário da fazenda Santa Quitéria, ficando dessa união os seguintes filhos: 1—Francisca Gertrudes da Conceição, casada com António Ferreira Marques; — 2—Joana Baptista do carmo, falecida solteira; — 3—Eugénia Gonçalves de Carvalho, casada com António Lemos de Almeida; — 4—Manuel Pereira da Silva, casado com Francisca Maria de Jesus; — 5-Pedro de Abreu Pereira Filho, que faleceu solteiro, deixando dois filhos naturais, de nomes Fabrício e Felizardo. Os filhos do Sargento-mor Pedro de Abreu Pereira, de nomes Francisca Gertrudes da Conceição, casada com António Ferreira Marques, Engénia Gonçalves de Carvalho, casada com António Lemos de Almeida e Manuel Pereira da Silva, foram os troncos das numerosas famílias Marques, Gonçalves e Lemos, espalhadas por todo o Município e que tiveram grande influência na política local. Um bisneto de Pedro Barbalho e Teresa de Sousa, Capitão António Honorato da Silva Limoeiro, filho de Manuel Pereira da Silva, teve larga actuação na vida política de Mombaça. Quando, em 1834, o Capitão Honorato exercia o cargo de Juiz de Paz, tornou-se célebre pela prisão que efectuou dos criminosos Estácio José da Gama e João Cariri, em circunstância verdadeiramente dramática, revelando bravura e astúcia. Estácio José da Gama, foi o perverso matador de Luciano Domingues de Araújo, moço rico, pertencente a importante família ramificada em Quixeramobim e Boa-Viagem, no dia em que ia casar-se com Joana Baptista Barreira, filha dos ricos fazendeiros Inácio Lopes da Silva Barreira e Joana Baptista de Queirós, proprietários da antiga fazenda Tapuiará, no Município de Quixadá, crime conhecido pela denominação — NOIVADO DE SANGUE—, do qual faz João Brígido interessante relato às fls. 275 e 276,

de seu precioso livro CEARÁ-HOMENS e FACTOS, apenas laborando em ligeiro engano, pois afirma que a noiva de Luciano se chamava Maria, quando, na realidade, o seu nome era Joana, como se vê do notável livro de Esperidião de Queirós Lima, ANTIGA FAMÍLIA DO SERTÃO, publicado recentemente. A prisão de Estácio José da Gama, pelo Capitão António Honorato, demonstrou a valentia do Juiz de Paz de Mombaça. Gustavo Barroso descreve-a no seu livro HERÓIS E BANDIDOS e Esperidião de Queirós Lima, no seu citado livro, dela também se ocupa, de acordo, aliás, com a tradição guardada em Mombaça. Apenas estes ilustres escritores trocaram o nome de Capitão Honorato, chamando-o Manuel, quando, na realidade, era António. Recebendo ordens das autoridades de Quixeramobim para efectuá-la, o Juiz de Paz António Honorato diligenciou cumprí-la logo, organizando uma escolta. Um dia, perto da fazenda CAMPOS, encontrou-se com os dois criminosos, que conseguiram escapar, deixando, porém, no local, as suas armas: — um bacamarte e uma granadeira. Dias depois, estava o Capitão António Honorato, pela manhã, no curral de sua fazenda BARRA NOVA, a duas léguas de Mombaça, tirando leite das vacas, auxiliado por um moleque, seu escravo, quando ouviu alguém dizer: — Bom dia, Capitão. Voltando a cabeça, viu Estácio José da Gama e seu companheiro João Cariri. Indagou-lhes, então, o que desejavam; os criminosos responderam que queriam as armas que, dias antes, lhes haviam sido tomadas. O Capitão Honorato mandou que esperassem um momento enquanto acabava de desleitar a última vaca. Terminado o serviço, pediu que os facínoras fossem para a frente de sua casa, que os atenderia logo. No caminho para casa, ouviu: — "não atire no homem". Percebeu Honorato que uma arma lhe fora apontada, mas prosseguiu, sereno, seu caminho até penetrar a porta da cozinha. Deu, ali, umas cordas ao escravo, ordenando-lhe que se conservasse calado, até que fosse chamado para amarrar os cabras. Dirigiu-se à sala da frente, onde já se encontravam os criminosos, e perguntando-lhes, novamente, o que desejavam, obteve esta resposta: — "queremos as armas". O Capitão Honorato ofereceu-lhes ouro e dois bons cavalos para que se retirassem, dizendo que não entregaria as armas porque se o fizesse ficaria

desmoralizado. Os dois criminosos não aceitaram a oferta e insistiram no pedido. Nesta altura, convém ceder a palavra ao brilhante escritor de ANTIGA FAMÍLIA DO SERTÃO: — "Honorato chamou o moléque e pediu água para lavar as mãos e continuou querendo demonstrar as vantagens de suas propostas aos obstinados antagonistas. Volta à sala o negrinho com a bacia dágua, e vendo que o seu senhor esticava os braços para adiante sungando as mangas, pôs-se-lhe na frente, apresentando-lhe a bacia, voltando as costas para os facínoras. O' atrevido! — gritou-lhe Honorato. Dás as costas a estes senhores?! E, ao mesmo tempo, com as costas das mãos, deu-lhe violenta bofetada, que o fez rodar com a bacia para um canto da sala. Os dois cabras, como era natural, acompanharam com a vista o espetacular trambolhão do moleque. Outra cousa não queria Honorato, que pulou como um tigre sobre eles, atingindo violentamente com os pés no estómago de Estácio, que caiu desacordado, e arrancando com as mãos possantes e destras as armas de Cariri, que esmoreceu e ficou sem acção, sob a mira do seu próprio clavinote, manejado pelo agilíssimo Capitão. Honorato chamou então o escravo que, seguindo as suas ordens, atou com arrochados "nós de porco" os braços de Cariri, que foi amarrado ao esteio. Só então é que Estácio foi recobrando os sentidos, e vendo a própria situação em que se achava, suplicou: — Não me faça mal, que eu não deixei que Cariri lhe atirasse pelas costas! Eu ouvi a sua intervenção, fico-lhe muito agredecido; mas agora nada posso fazer, tenho que cumprir as ordens que recebi; é o meu dever. Os dois criminosos foram enviados para Quixeramobim, onde entraram em meio de grande regozijo popular, sendo entregues à justiça. O extraordinário deste caso é que o bravo sertanejo nunca pensou em negociar com os cabras; puxou conversa tão somente para distraí-los; seu único propósito era marrá-los e tinha plena confiança de o conseguir".

O Subdelegado Antónío Honorato mereceu, pelo seu valente feito, do Governo da Regência, mediante indicação do Presidente da Província, a comenda da Ordem de Cristo, comenda que jamais quis receber, dela desistindo ao saber que tinha de pagar emolumentos na Alfândega. Perdura em Mombaça a lenda de que, certa ocasião, o Capitão Honorato proibira uma pesca-

ria em seu açude BARRA NOVA. Insistindo seus filhos em fazê-la, ele sentenciara: — Não pegarão nem um peixe. As tarrafas só apanharão sapos". E assim aconteceu...

Na fazenda BARRA NOVA ainda se encontra, em bom estado de conservação, a casa em que residiu o Capitão Honorato. Seus descendentes, no Município, são numerosíssimos. O Cel. José Aderaldo de Aquino, antigo Tabelião e político influente em Mombaça e Ernesto Honório Aderaldo de Aquino, dele descendiam. O primeiro era pai do Padre Francisco Lino Aderaldo e avô materno dos Drs. Plácido, Newton e José Aderaldo Castelo, e o segundo, avô paterno dos Drs. Tarciso, Aluísio e Mozar Soriano Aderaldo.

4) CAPITÃO PEDRO DA CUNHA LIMA. Como se vê do seu testamento, era natural de Ponte de Lima, Arcebispado de Braga, Portugal, filho de Manuel Cerqueira da Cunha e de Maria de Sá Cunha. Casou-se com Ana Maria de Jesus, filha dos portugueses João Francisco Florim e Luzia dos Santos. Foi possuidor de avultada fortuna. Do inventário de sua mulher procedido em 1768 consta que possuía quinze léguas de terra, muito gado e escravos. Da descrição e avaliação dos semoventes constam: — quinhentos e cinquenta vacas parideiras avaliadas a mil seiscentos e oitenta réis. Residia na fazenda CASA FORTE, à margem do Banabuiú, a cinco léguas da cidade de Mombaça, lado do poente. De seu casamento com Ana Maria de Jesus, ficaram os seguintes filhos: 1 — Manuel da Cunha Lima; 2 — José Francisco de Sales; 3 — Joana Teodora de Jesus; 4 — Inácia Maria de Jesus. Enviuvando, o Capitão Pedro da Cunha passou a viver maritalmente com a mulata Rita, sua escrava, que alforriu ao nascer a primeira filha, e de cuja união ficaram os seguintes filhos: 1 — Angélica, casada com Manuel Pinto Nogueira; 2 — José dos Reis Lima; 3 — Pedro da Cunha Lima; 4 — Luís da Cunha Lima; 5 — Francisco da Cunha Lima, aos quais legou a fazenda CAMPOS. A descendência do Capitão Pedro da Cunha Lima é numerosíssima. A sua filha legítima Inácia Maria de Jesus casou-se, em primeiras núpcias, com José Leite Barbosa, deixando os seguintes filhos: 1 — André Corsino Barbosa; 2 — João José Damasceno; 3 — Gonçalo

Leite Barbosa; 4 — Ana Maria de Jesus; 5 — António Leite Barbosa; 6 — Maria Inácia de Jesus; 7 — Angélica Maria de Jesus. Convolou segundas núpcias com Tomás Ferreira de Magalhães. Deste casamento descendia o Cel. Severino Ferreira de Magalhães, chefe da família Ferreira de Magalhães, conhecida por "Contendas", (nome do sítio em que morava, no Município de Senador-Pompeu), e pai dos Coronéis Fenelon, Ananias, Zequinha e Filemon Ferreira de Magalhães, chefes políticos de reconhecido prestígio naquele Município. A outra filha legítima do Capitão Pedro da Cunha, — Joana Teodora de Jesus — casou-se com Jerónimo Ferreira de Sousa e, em segundas núpcias, com Pedro Vieira de Melo, deixando deste último casamento um filho de nome Joaquim Vieira de Melo, que se casou com sua prima Maria Inácia de Jesus. José de Sales, segundo filho do Capitão Pedro da Cunha, casou com Maria de Jesus Pereira de Castro, deixando os seguintes filhos: 1 — Manuel Gomes Diniz; 2 — Vicente Ferreira Cavalcante; 3 — João Francisco de Amorim; 4 — Joaquim José Cavalcante, de quem descende a família Cavalcante, de Pedra-Branca; 5 — João Nepomuceno de Sales; 6 — Ana Teresa de Jesus; 7 — Catarina Cardoso de Alexandria; 8 — Francisca de Sales, casada com Manuel Furtado; 9 — Sebastiana Maria de Jesus; 10 — Bernardino Gomes de Sousa. Os filhos naturais do Capitão Pedro da Cunha, tidos na mulata Rita, deixaram grande descendência.

5) RODRIGO FRANCISCO VIEIRA. Natural de Viana, Portugal. Casou-se com Ana Quitéria do Sacramento, da família Montes. Filhos do casal: 1 — João Baptista Vieira, casado com Lúcia Correia Vieira,filha de Jerónimo da Costa Leite; João Baptista Vieira foi o primeiro proprietário da Fazenda PACIÊNCIA, no riacho do mesmo nome, afluente do Banabuiú; — 2 — Rodrigo Francisco Vieira Júnior, casado com Vicência Inácia do Sacramento, filha de Jerónimo da Costa Leite; — 3 — Jerónima Quitéria do Sacramento, casada com Manuel Vieira da Silva, filho de Jerónimo da Costa Leite; — 4 — Daniel Ribeiro dos Santos, casado com Joana Baptista do Sacramento, filha de Jerónimo da Costa Leite. Verifica-se que os quatro filhos de Rodrigo Francisco Vieira se casaram com quatro filhos de Jeró-

nimo da Costa Leite. "Os Correia Vieira, de Quixeramobim; os Vieira, de Maria Pereira; os Britos, do Sitiá, todos são Montes" (João Brígido. Ceará — Homens e Factos, pág. 141). Rodrigo Francisco Vieira era parente próximo do Cel. Pasqual Correia Vieira, rico potentado de Quixeramobim e foi o tronco da importante família Vieira, de Mombaça, conhecida por "Caiçara", nome da fazenda que habitava, à margem do Banabuiú, família que gozou de muita influência na política local. Ainda hoje muitos de seus membros se destacam na vida de Mombaça e de outros Municípios do Estado. Dois netos de Rodrigo Francisco Vieira — Major Rodrigo Francisco Vieira e Silva, casado com Francisca Maria Pessoa, filha do Capitão-mor Manuel Rodrigues Machado e, em segundas núpcias, com Joaquina Maria da Conceição, e Capitão Manuel Vieira Júnior, casado com a sua prima Maria Querina de Jesus —, filhos de Manuel Vieira da Silva e Jerónima Quitéria do Sacramento, foram chefes políticos de real prestígio, em Mombaça, no segundo Império. Do primeiro eram filhos os Coronéis Augusto Francisco Vieira e Olímpio Francisco Vieira, políticos de influência local, até poucos anos. O Cel. Augusto Francisco Vieira, "O Comandante" como era conhecido em Mombaça, ao seu tempo o maior proprietário e fazendeiro do Município, onde dispunha de imenso prestígio, era avô do Dr. Zacarias do Amaral Vieira, actual Promotor da comarca de Maranguape, de Elcias Vieira de Alencar Benevides, industrial e político em Icó e de António Jaime Benevides Filho, industrial, fazendeiro e político em Mombaça. Daniel Ribeiro dos Santos, quatro filhos de Rodrigo Francisco Vieira, era bisavô do Dr. Eneias Cavalcante do Nascimento e Sá, Bacharel inteligente e culto, que foi Juiz de Direito das Comarcas de Maria-Pereira, Juaguaribe e Senador Pompeu. O Dr. Eneias era sogro do renomado filólogo Martinz de Aguiar. Mercê de seu prestígio pessoal, foi mudado em 1892 para Benjamim Constant o nome do Município. A sua intenção patriótica, malsinada por católicos menos apercebidos e pelos apegados à tradição, nunca foi desmerecida por muitos filhos de Mombaça que trabalharam para evitar voltar-se o Município, em 1918, à denominação primitiva.

6) JERÓNIMO DA COSTA LEITE, filho de Jerónimo da Costa Leite e de Rosa Maria Leite, naturais da cidade do Porto, Portugal. Primeiro proprietário da fazenda CALDEIRÃO, à margem do Banabuiú, ao nascente da cidade de Mombaça. Casou com Maria Rabelo Vieira, filha do Sargento-mór Cosme Rabelo Vieira e de Maria Pessoa da Silva. Estes eram também sogros do Capitão-mor Manuel António Rodrigues Machado que, por sua vez, era pai do Padre Ambrósio Rodrigues Machado, Deputado Provincial em várias legislaturas, patriota, companheiro de Mororó falecido em 1878, na idade de 86 anos. Jerónimo da Costa deixou os seguintes filhos: 1 — José da Costa Vieira, casado com Antónia Nasaré Vieira; 2 — Roberto da Costa Vieira, casado com Maria Cândida de Castro; 3 — Manuel Vieira da Silva, casado com Jerónima Quitéria do Sacramento, filha de Rodrigo Francisco Vieira; 4 — Gonçalo Vieira da Silva, casado com Inácia Maria de Jesus; 5 — Rita Rabelo Vieira, falecida solteira; 6 — Clara Rabelo Vieira, casada com o seu parente António Melo de Oliveira; 7 — Lúcia Correia Vieira, casada com João Baptista Vieira, filho de Rodrigo Francisco Vieira; 8 — Ana dos Santos Soares, casada com o seu primo Manuel António Rodrigues Machado, filho do Capitão-mór de igual nome; 9 — Maria Gomes da Conceição, falecida inupta; 10 — Quitéria Inácia do Sacramento, casada com Pedro Lopes de Morais; 11 — Vicência Gomes da Conceição, casada com Rodrigo Francisco Vieira Júnior; 12 — Joana Baptista do Carmo, casada com Daniel Ribeiro dos Santos, filho de Rodrigo Francisco Vieira; 13 — CATARINA GOMES VIEIRA, casada com José Lopes de Morais. Estes eram os pais de Frutuoso Lopes, meu bisavô materno; 14 — Úrsula Maria da Conceição, falecida solteira; 15 — Cosme Rabelo Vieira, casado com a sua prima Josefa Maria Pessoa, filha do Capitão-mór Manuel António Rodrigues Machado. Jerónimo da Costa Leite, dos primeiros povoadores de Mombaça, foi talvez o que deixou maior descendência. Conta-se que era homem de carácter inteiriço, forte e rude. Seu filho José da Costa Vieira, proprietário da fazenda PITOMBEIRA, possuía iguais qualidades. Grande fumador de cachimbo, usava acendê-lo com uma brasa e se esta

caía-lhe sobre os pés, aguentava a dor até que um escravo a viesse retirar.

7) ANTÓNIO LEMOS DE ALMEIDA. Natural de Pernambuco. Casou-se com Engénia Gonçalves de Carvalho, filha do Sargento-mor Pedro de Abreu Pereira. Filhos do casal: 1 — Luís Lemos de Almeida, casado com Joana Maria Bezerra de Meneses; 2 — Ana Gonçalves de Carvalho, casada com Gonçalo Leite Barbosa, neto do Capitão Pedro da Cunha Lima; 3 — António Gonçalves de Carvalho, casado com Francisca Gertrudes da Conceição; 4 — Mariana Penha de França, casada com José Félix de Carvalho; 5 — Rita Matos de Vasconcelos, casada com Serafim Gonçalves; 6 — José Cláudio de Almeida; 7 — JOÃO BERNARDO DE ALMEIDA, casado com Raimunda de Araújo Chaves, da família Araújo Feitosa, dos Inhamuns. Eram filhos deste último casal os Coronéis Manuel Martins Chaves e Francisco de Araújo Chaves, influências políticas locais, máximè o primeiro, homem de rara envergadura moral, carácter leal e puro, tendo exercido, por muitos anos, o cargo de Juiz Municipal leigo. A descendência de António Lemos de Almeida é muito grande, igual à de Jerónimo da Costa Leite, senão maior. Seu filho António Gonçalves de Carvalho, proprietário da fazenda JARDIM, era pai do Tenente Francisco Gonçalves de Carvalho, político filiado ao partido liberal e terrível adversário do Padre Sarmento Benevides. António Gonçalves, diz a tradição, era um espírito profundamente religioso; mandou fabricar uma grande cruz de aroeira e carregava-a sobre os ombros quando ia assistir à missa, aos domingos, na Capela de Nossa Senhora da Glória. De regresso à sua residência, seus escravos sofriam... A quarta filha de António Lemos de Almeida — Mariana Penha de França— casada com José Félix de Carvalho, tinha um filho também chamado José Felix de Carvalho que foi Coletor das Rendas Gerais e político prestigioso Residia na fazenda CATOLÉ, ainda hoje de exclusiva propriedade de seus descendentes.

8) JOSÉ DE GÓIS E MELO. Era natural de Pernambuco e filho do português Tomé de Góis e Melo. Casou-se com Maria

José das Virgens. Filhos: 1 — João de Góis e Melo; 2 — Maria Cavalcante de Araújo, casada com o seu parente Manuel José de Góis; 3 — Tomé de Góis e Melo, casado com Maria Alves de Assunção; 4 — Francisco de Góis e Melo, casado com Ana Maria de Sá e Benevides; 5 — Teresa Maria das Virgens; 6 — Gertrudes Maria de Góis. Residia José de Góis e Melo na fazenda SÃO VICENTE, onde vivem muitos dos seus descendentes. De sua filha Maria Cavalcante de Jesus, casada com Manuel José de Góis, era filho Francisco Alves Teixeira que, por sua vez, era pai de Francisco Fernandes de Oliveira Castelo, avô dos Drs. Plácido, Newton e José Aderaldo Castelo, Adauto Alencar Castelo, alto comerciante nesta capital e Carlos Augusto Benevides, actual Prefeito de Mombaça. Parte da antiga família Góis usa hoje o sobrenome Castelo, que é recente, pois o primeiro a usá-lo foi o referido Francisco Fernandes de Oliveira Castelo, bisneto de José de Góis e Melo. Era costume das famílias sertanejos dar aos filhos, ao serem levados à pia baptismal, o nome do santo do calendário do dia. Quando Francisco Fernandes de Oliveira Castelo nasceu, o calendário foi consultado. O santo do dia era Santa Isabel, rainha de Castela, esposa do rei Fernando. Já havia a promessa de dar ao recem-nascido o nome de Francisco, mas para não quebrar a tradição, numa homenagem a Isabel de Castela, rainha e santa, e ao seu esposo Fernando, acrescentaram ao nome do recém-nascido: FERNANDES CASTELO. Oliveira era a família pelo lado materno.

9) ANTÓNIO FERREIRA MARQUES. Natural de Pernambuco. Casou-se com Francisca Gertrudes da Conceição, filha do Sargento-mór Pedro de Abreu Pereira. Deixou diversos filhos, entre os quais Vicente Ferreira Marques Palmeira, Raimundo Ferreira Marques e Pedro Ferreira Marques. Deste último, que se casou com Ana Joaquina de Jesus, eram filhos: 1 — Francisca Gertrudes da Conceição, casada com Manuel Ferreira do Nascimento; 2 — Maria Antónia de Jesus, casada com Bernardo da Silva Pereira, irmão do Capitão António Honorato e pai do Pe. Pedro de Abreu Pereira; 3—Joaquina de São Pedro Marques; 4 — Isabel da Purificação Marques; 5 — Maria do Espírito Santo Marques; 6 — Maria Francisca de Jesus Mar-

ques; 7 — Teotónio Ferreira Marques, casado com Ana da Visitação Marques; 8 — José Lucas Evangelista, casado com Ana Josefa Mendes; 9 — Maria Ferreira Marques; 10 — Francisco Ferreira Marques. De António Ferreira Marques descendiam: — Leonardo Ferreira Marques Brasil, Barão de S. Leonardo e Comendador da Ordem da Rosa, que tomou parte na chamada guerra dos Balaios, foi possuidor de grande fortuna, casou-se com Aline Gauthier, francesa. Uma filha do Barão de S. Leonardo, de nome Aline, foi casada com o Desembargador Esmerino Gomes Parente. Sobre este titular publicou interessante trabalho o seu parente Dr. Plácido Aderaldo Castelo; Tenente Bento Ferreira Marques Brasil, que tomou parte nas lutas políticas do Ceará, no começo do segundo Império e, ainda, os irmãos Manuel, Demétrio, José Tiago Ferreira Marques Brasil, que foram políticos de prestígio no Município.

10) SARGENTO-MOR COSME RABELO VIEIRA, natural do Viana, Portugal, filho de André Rabelo Vieira, natural da freguesia de Basto e de Luísa Fagundes, de Viana. Primeiro proprietário da fazenda JACOCA, à margem do Banabuiú, perto da actual cidade de Senador Pompeu. Casou-se com Maria Pessoa da Silva, filha do português Vitoriano Correia Vieira e de Maria Pessoa da Silva. Esta, por sua vez, era filha do Capitão-mor Manuel Pessoa da Silva, antigo proprietário das terras do Turussú, na ribeira do Quixelô e de Francisca de Sousa Montes. Francisca de Sousa Montes era filha do Alferes Gaspar de Sousa Barbalho e de Vitória Leonor de Montes Silva, sendo estes pais de Ponciana de Sousa Barbalho, casada com o Cel. Pasqual Correia Vieira, natural do Porto, Portugal. Cosme Rabelo Vieira deixou os seguintes filhos: 1 — Manuel Rabelo Vieira; 2 — Ana Pessoa Vieira; 3 — Francisco Rabelo Vieira; 4 — Luzia Pessoa da Silva, casada com o Capitão-mor Manuel António Rodrigues Machado, natural da freguesia de S. Tiago Sotelo de Aguiar, Arcebispado de Braga; 5 — Maria Rabelo, casada com Jerónimo da Costa Leite, atrás referido; 6 — Matias Rabelo Vieira, casado com Maria Gomes Pimenta; 7 — José Rabelo Vieira, casado com Francisca das Chagas Ferreira Nobre. A descendência de Cosme Rabelo Vieira é muito grande e

espalhada hoje nos Municípios de Mombaça, Senador-Pompeu, Morada-Nova, Boa-Viagem e outros. Dele descende o conhecido farmacêutico e abastado industrial Tertuliano Vieira e Sá, residente nesta Capital, que pertence também à família Correia de Sá, da Paraíba.

11) RAFAEL PEREIRA SOARES. Primeiro proprietário da fazenda MOSQUITO, no riacho Cacodé, ou Coquedê dos indígenas, afluente do Banabuiú. Era natural da Paraíba, casado com Rosa Maria de Santana. Filhos: 1 — Rafael Alves Pereira; 2 — Francisco Alves de Pádua, pai de Francisco de Pádua Júnior, que por muitos anos foi Delegado de Polícia em Mombaça e era sogro do Cel. Manuel Martins Veras e de Pedro Aires de Sousa; 3 — Teresa Rosa de Santana, casada com Miguel Luís de Melo; 4 — Henrique Luís de Santana; 5 — António Rodrigues Delgado; 6 — Leonor de Araújo, casada com José de Araújo Lima; 7 — Maria Alves de Santana, casada com Lourenço Alves Pereira; 8 — Rosa Maria de Moura, casada com Manuel João Damasceno; 9 — Manuel Elói de Moura; 10 — João José Pereira; 11 — Damiana, casada com António Simões da Cunha. Rafael Pereira Soares foi o tronco das numerosas famílias Moura, Lima e Pereira, residentes na mesma zona.

12) ANACLETO MARTINS CHAVES. Natural dos Inhamuns,, da família Araújo Feitosa. Casou-se com sua parenta Josefa Martins Chaves. Filhos: 1 — Anacleto Ferreira Cavalcante, casado com Feliciana Gomes de Almeida, avós e bisavós, respectivamente, dos ilustres filhos de Mombaça Desembargador Pedro Laurentino de Araújo Chaves, ex-Interventor Federal em Mato Grosso, hoje advogado no Rio de Janeiro, e Dr. Dagmar Aderaldo Chaves, notável médico e cirurgião de grande conceito no país e no estrangeiro. 2 — Teotónio de Araújo Chaves; 3 — José de Sousa Cavalcante; 4 — João de Sousa Cavalcante; 5 — Ana Martins Chaves, casada com Manuel de Araújo Lima; 6 — Maria Martins Chaves, casada com José de Sousa Lima; 7 — Eleutéria Martins Chaves, casada com José da Cunha Freitas, proprietário da fazenda CACODÉ; 8 — Josefa de Araújo Chaves. Anacleto Martins Chaves foi proprie-

tário da fazenda SANTIAGO. Grande é o número de seus descendentes, espalhados em diversos municípios do Estado e fora dele.

13) — JOÃO ALVES CAMELO. Natural da cidade de Nasaré, Pernambuco, onde se casou com Mariana de Moura Presa. Filhos: 1 — Feliciana Gomes de Almeida, casada com Anacleto Ferreira Cavalcante; 2 —João Evangelista da Silva Araújo, presidente vários anos da Câmara Municipal de Mombaça; 3 — Jerónimo Alves Pereira; 4 — Silvestre Alves de Araújo Pereira, casado com Rosa Angélica das Flores; 5 — António de Almeida Castro; 6 — Manuel Francisco de Sales; 7 — António Simões da Cunha, casado com Damiana de Moura, filha de Rafael Pereira Soares; 8 — Gertrudes Alves Pereira, casada com João Chaves de Araújo; 9 — Vicente Alves Camelo; 10 — Delfina de Araújo Pereira, casada com João Bezerra de Araújo; 11 — Francisco Alves Camelo; 12 — Maria Madalena da Conceição, casada com seu primo Manuel Gomes de Araújo. Este último casal deixou apenas uma filha, de nome Madalena de Araújo, casada com Severino de Albuquerque Vasconcelos, que viveu em Nasaré, Pernambuco. Residia João Alves Camelo na fazenda AGRESTE, ainda hoje pertencente á sua família. Possuiu grande fortuna, sendo também muito grande o número de seus descendentes.

14) FRANCISCO JOSÉ DE FONTES BRAGA. Natural da cidade de Aracati e oriundo de família pernambucana. Casou-se com Quitéria Maria Pessoa, filha do Capitão-mor Manuel António Rodrigues Machado. Deixou apenas um filho, de nome Luís José de Fontes Braga que, ao atingir a maioridade, se mudou para o Município de Riacho do Sangue, hoje Frade, onde deixou descendência. O Dr. Raimundo Girão, ilustre genealogista cearense, em interessante trabalho sobre os RODRIGUES MACHADO, publicado no número 5 da REVISTA GENEALÓGICA BRASILEIRA, ano de 1942, afirma que Quitéria Maria Pessoa, filha do Capitão-mor Manuel António Rodrigues Machado, fora casada com Manuel Jesus Vieira. Entretanto, no primeiro cartório de Mombaça existe o inventário, pro-

cedido em 1830, dos bens deixado por Francisco José de Fontes Braga e do qual se verifica ter sido o mesmo casado com referida Quitéria Maria Pessoa. Ás fls. 14 dos mesmos autos está uma petição que assim começa: — "Diz o Capitão Manuel Rodrigues Machado, deste termo (Quixeramobim), que da conta corrente junta mostra dever-lhe seu falecido genro Francisco José de Fontes Braga a quantia de quinhentos quarenta oito mil e duzentos réis..." Quitéria convolou novas núpcios, pois, às fls. 45-46 dos citados autos, se lê uma petição, firmada pelo Padre Ambrósio Rodrigues Machado, do Termo da Vila de Quixeramobim, que ficando viúva sua irmã Quitéria Maria Pessoa e fazendo-se inventário, para se dar partilha a um único órfão que ficou, assinara a suplicada o termo de tutela do dito órfão, com Provisão da Relação, e fora o suplicante o seu fiador. Acontece que, há pouco casada, a suplicada por consequência perdeu o direito de continuar na tutela, por lhe ser isto expressamente proibido pela Ord. do Livro 4º., Tit. 102, § 3.º..." Os autos não esclarecem quem foi o segundo esposo de Quitéria Maria Pessoa, mas é de se concluir que foi Manuel de Jesus Vieira, diante do que diz o Dr. Raimundo Girão.

III

Teresa de Sousa, filha de Maria Pereira da Silva, depois da morte de seu marido Pedro Barbalho, doou cem braças de terra, com meia légua de fundos, à margem direita do rio Banabuiú, para erecção de uma Capela, sob a invocação de Nossa Senhora da Glória, conforme licença pedida a D. Tomás da Encarnação Costa, Bispo de Pernambuco, e provisão de 14 de Junho de 1782. A Capela foi logo construída e, poucos anos depois, ou seja em 1796, residia na então povoação de Mombaça, o Padre Dionísio Francisco. Em 1805 e 1806 também ali esteve o Padre Filipe Benício de Mariz, como se vê das visitas feitas, nos referidos anos, pelo Visitador Padre José de Almeida Machado.

Por decreto de 6 de Setembro de 1832 foi criada a freguesia de Nossa Senhora da Glória de Mombaça, desmembrada da

de Santo António de Campo Maior (Quixeramobim). A freguesia compreendia os actuais Municípios de Mombaça, Pedra-Branca e Senador-Pompeu. A povoação tinha, já naquele ano, a denominação actual. Em 1851 — Lei n.º 550, de 23 de Novembro — foi criado o Município de "Maria-Pereira" e, em homenagem à primeira proprietária das terras onde estava edificada a Vila que ia servir de sede ao novo Município, deu-se-lhe o nome que, após a proclamação da República, pela Lei Estadual n.º 69, de 9 de Junho de 1892, foi mudado para BENJAMIM CONSTANT. Pela Lei n.º 1565, de 21 de Setembro de 1918, voltou a denominar-se Maria-Pereira e, pelo Decreto n.º 1.214, de 30 de Dezembro de 1943, Mombaça, nome que, aliás, devia ter sido dado ao Município quando de sua criação, em 1851. Os legisladores provinciais de 1851 entenderam, porém, que o Município devia chamar-se MARIA PEREIRA, nome da antiga proprietária das terras onde está edificada a cidade. E' certo que a fazenda era conhecida por "fazenda da velha Maria Pereira", mas, construída a Capela, no fim do século XVIII, a nascente povoação tomou o nome de MOMBAÇA. Os documentos daquela época falam apenas na Capela de Nossa Senhora da Glória da Mombaça.

IV

Antes de encerrar estas ligeiras notas que interessam à história do Município em que nasci, impôe-se-me o dever de explicar, em traços rápidos, como a família BENEVIDES, hoje espalhada em vários Municípios do Estado, ali se radicou. O primeiro Benevides que chegou a Mombaça, há mais de um século, foi o Padre António José Sarmento Benevides, nomeado, em 1840, Vigário da Freguesia de Nossa Senhora da Glória. Era ele natural da cidade de Sousa, Estado da Paraíba, filho de Luís José Correia de Sá e de Ana Maria de Sá Benevides, neto paterno de João Rodrigues Sarmento de Sá e Francisca Bernarda Correia de Sá e materno de Francisco Tavares de Sá e Benevides e de Cipriana Correia de Sá. Foi político de grande prestígio, deputado em oito legislaturas da Assembleia Provincial

do Ceará e Cavalheiro da Ordem de Cristo. Chegando a Mombaça, no ano de 1840, para tomar conta da freguesia, procurou, desde logo, conseguir viessem para sua companhia parentes residentes na Paraíba. Escrevia com insistência, nesse sentido, a seu irmão Dr. Francisco Tavares de Sá e Benevides, então Juiz da Comarca de Sousa e, posteriormente, deputado em várias legislaturas da Assembleia Provincial Paraibana. Atendendo ao apelo do Padre Sarmento, chegou a Mombaça, no ano de 1845, seu tio JOSÉ JOAQUIM DE SÁ E BENEVIDES, natural da cidade de Sousa, filho de Francisco Tavares de Sá e Benevides e de Cipriana Correia de Sá, que era irmã do Padre LUÍS JOSE' CORREIA DE SA' "opulento senhor de Acauã, onde dominava o povo com um prestígio sem rival. Fazendeiro rico, de casa e maneiras afidalgadas, isto e as suas constantes viagens do Piauí ao Rio, davam-lhe relações, fama e espírito para manter aquele domínio e popularidade. O Padre Luís José, como era conhecido, quando fracassou o movimento republicano de 1817, com a restauração do poder monárquico, foi, conjuntamente com seus companheiros de revolução de Sousa, preso pelas tropas cearenses e, conduzido para a Baía, na devassa a que se procedeu, foi pronunciado. Esteve recolhido aos cárceres da cidade de Salvador, donde saiu solto por motivo de indulto, conforme Aviso de 1 de Julho de 1819" (Celso Mariz. Apanhados da História da Paraíba). "Padre Luís José Correia de Sá, ilustre sacerdote, morador em sua fazenda Acauã, Município de Sousa. Condecorado com o hábito de Cristo, muito amado e respeitado pelo povo do sertão do rio do Peixe. Recebeu Alencar, mandado pelos patriotas de Pernambuco, e com ele estabeleceu o levante daquela região à causa da democracia" (Irineu Pinto. Datas e Notas para a História da Paraíba. Pág. 338). — "Padre Luís José Correia de Sá. Paraibano de 1817, era morador na Vila de Sousa, no sertão da Paraíba, e digníssimo sacerdote, sumamente amado e respeitado por todo o sertão do Rio do Peixe e das Vilas circunvizinhas. Achava-se condecorado com o hábito da Ordem de Cristo por serviços relevantes à causa pública, quando a Paraíba proclamou a liberdade pernambucana de 6 de Março, na qual era impossível não figurar, por lhe ter sido enviado o insigne José Martiniano de Alencar, que o conquis-

tou rápidamente, ficando a casa desse herói o foco central, onde se tomaram as medidas para a liberdade do Ceará, mas as mesmas causas que arrastaram a ruina da liberdade e prisão do seu cunhado Francisco António Correia de Sá lhe foram comuns, sendo igualmente preso e correndo os mesmos destinos" (Mártires Pernambucanos. Págs. 549-550). O Padre Luís José foi, como se vê dos trechos transcritos, um dos chefes do movimento republicano de 1817, na Paraíba. Natural do Rio de Janeiro, transferiu sua residência para os sertões da Paraíba, onde se fixou definitivamente, visando a tratar de sua saúde alterada e, sentindo-se bem com o clima, para ali fez vir seus pais, irmãos e alguns parentes.

A família Sá e Benevides começou a radicar-se no norte do Brasil desde quando esteve no governo de Pernambuco, de 5 de Maio de 1749 a 16 de Fevereiro de 1756, Luís José Correia de Sá e Benevides, fidalgo da casa de Assêca, Portugal, descendente directo do General Salvador Correia de Sá e Benevides, que governou o sul do país no regime colonial.

A cidade de Sousa, na Paraíba, foi fundada pelo sertanista Bento de Sousa, de acordo com o Capitão-mor José Gomes de Sá, como se vê às fls. 216 do livro DATAS E NOTAS PARA A HISTÓRIA DA PARAÍBA, de Irineu Pinto. O Capitão-mor Gomes de Sá, pertencia à família Correia de Sá e Benevides. Um seu descendente, Major António Pedro de Sá Barreto, esteve, em 1837, no Governo Militar de Pernambuco.

Expressamente para casar-se com Cipriana Correia de Sá, irmã do Padre Luís José Correia de Sá, veiu do Sul seu primo Francisco Tavares de Sá e Benevides, parente próximo do Geral Salvador Correia de Sá e Benevides. A família Benevides de Mombaça, dele descende. José Joaquim de Sá e Benevides, filho do casal acima, fazendeiro em Sousa, transferiu sua residência para Maria-Pereira, hoje Mombaça, afim de atender ao sobrinho, por ele criado, Padre Sarmento Benevides, filho de sua irmão Ana. Tendo sido nomeado Vigário de Maria Pereira, o Padre Sarmento exigiu do tio o sacrifício de internar-se no sertão de Mombaça, sob pena de abandonar a freguesia. Como eram amicíssimos, um teve que ceder afim de não se separarem.

José Joaquim de Sá e Benevides foi o primeiro presidente da Câmara Municipal de Mombaça. Casou-se com Francisca Gomes de Araújo Benevides, filha de António Gomes de Araújo, rico senhor de engenho no Município de Nasaré, Pernambuco. O casal, ao chegar em Mombaça, trazia os seguintes filhos, todos nascidos na cidade de Sousa, Paraíba:

1) JOSÉ JOAQUIM DE SÁ E BENEVIDES FILHO. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife. Casou-se na Paraíba. Em 1878 foi Promotor e Juiz Municipal da então Comarca de Maria-Pereira. Tornando à Paraíba, foi ali deputado provincial em várias legislaturas. Advogado de grande renome, ocupava, ao ser proclamada a República, o cargo de Chefe de Polícia daquele Estado. Monarquista radical, recusou a Senatória Federal oferecida pelo partido dominante no Estado. Deixou muitos filhos, entre os quais: Dr. Joaquim Correia de Sá e Benevides, médico e professor do Liceu Paraibano; Dr. João Ferreira de Sá e Benevides, engenheiro civil e antigo Director da Estrada de Ferro do Rio Grande do Norte; Dr. José Joaquim de Sá Benevides, bacharel e engenheiro militar; Capitão Mendo Correia de Sá e Benevides, Militar, e Paulo Emílio de Sá e Benevides, funcionário público e literato. Sua descendência, que é numerosa e ilustre, reside na Paraíba, Rio Grande do Norte e nos Estados do Sul.

2) CIPRIANA GOMES DE SA' E BENEVIDES. Casou-se em Mombaça com Frutuoso Lopes, neto de Jerónimo da Costa Leite, atrás referido, da família Montes. Filhos: 1 — Augusto Lopes de Sá e Benevides, casado com Rosa Barroso Feijó e Benevides da família Barroso, do Aracati, filha de José Fidélis Barroso Feijó e Rita Sebastiana da Costa Feijó e prima do General Benjamim Barroso (meus avós maternos). 2 — Ana Benevides de Alencar Araripe, casada com o professor e advogado Pedro Jaime de Alencar Araripe, deputado provincial na legislatura de 1881-1882, homem de aprimorada inteligência e regular cultura, chefe poíltico em Mombaça, onde foi Prefeito (Pais de Augusto Jaime de Alencar Benevides, da Sociedade Cearense de Geografia, membro da Executiva Estadual da U.

D. N. e intelectual); 3 — Silvino Lopes de Sá Benevides, casado em primeiras, segundas e terceiras núpcias, respectivamente, com Maria de Morais Benevides, Maria Amália de Sá e Benevides e Francisca de Araújo Chaves Benevides. Foi chefe político e Prefeito vários anos em Mombaça; 4 — Fausto Lopes de Sá e Benevides, casado com sua prima Francisca de Sá e Benevides. Foi político de prestígio em Pacatuba e funcionário da Rede de Viação Cearense; 5—Maria Benevides Teixeira, casada com Pedro Alves Teixeira, irmão de Francisco Fernandes de Oliveira Castelo; 6— Octaviano Lopes de Sá e Benevides, antigo Prefeito de Quixadá e funcionário da R. V. C. Casou-se em primeiras núpcias com Maria do Carmo Amora, filha de João Calixto Amora e Ana Teófilo Amora; em segundas núpcias, com Joana de Castro e Silva, filha de José Xavier de Castro e Silva, e em terceiras com Josina Alexandre Pereira, filha de José Pereira e Bárbara de Aquino Pereira; 7 — Joana de Sá e Benevides, falecida inupta; 8 — José Frutuoso de Sá e Benevides, falecido recentemente nesta capital, aos 79 anos de idade, casado com sua sobrinha Augusta Feijó de Sá e Benevides. Chefe político em Mombaça, onde foi Prefeito muitos anos; 9 — Francisca Benevides de Magalhães, casada com o Cel. Ananias Ferreira de Magalhães, chefe político de Senador-Pompeu. Pais do Dr. Floriano Benevides de Magalhães, actual Juiz de Direito da comarca de Sobral. Dos filhos de José Joaquim, Cipriana Gomes de Sá e Benevides foi o que deixou maior descendência.

3) MARIA GOMES DE SÁ BENEVIDES. Casou-se com Bernardino Lopes de Morais, neto de Jerónimo da Costa Leite. Filhos: 1 — Maria de Morais Benevides, casada com seu primo Silvino Lopes de Sá e Benevides; 2 — Luísa Benevides de Morais, casada com seu parente Manuel Lopes de Morais; 3 — Manuel António de Morais Benevides, casado com Maria do Rosário Almeida, bisneta de António Lemos de Almeida; 4 — José Joaquim Benevides, casado com sua prima Cândida Chaves Benevides; 5 — José Gomes de Morais Benevides; 6 — Manuel Bernardino de Morais Benevides, casado com Cândida Fiúza Benevides (pais de Casemiro Fiúza Benevides, comerciante nes-

ta capital); 7 — Josefa Benevides Machado, casada com seu parente Manuel António Machado, bisneto do Capitão-mor Manuel António Rodrigues Machado; 8—Ana Benevides Fiúza, casada com Abdoral Fiúza Lima; 9 — Joaquina Benevides Vieira, casada com seu parente Francisco de Assis Vieira, bisneto do Capitão-mor Manuel António Rodrigues Machado.

4) JOSEFA GOMES DE SÁ E BENEVIDES. Casou-se com Manuel Martins Chaves, neto de António Lemos de Almeida, a quem atrás já me referi. Filhos: 1 — António Pedro de Araújo Benevides, casado com sua prima Ana Maria de Sá e Benevides; 2 — Cândida Chaves Benevides, casada com seu primo José Joaquim Benevides; 3 — Joana Chaves Benevides, falecida solteira.

5) ANTÓNIO PEDRO DE BENEVIDES. Antigo chefe político conservador em Mombaça, onde, por muitos anos, foi presidente da Câmara e Intendente. Substituiu o Padre Sarmento na direcção política do Município. Casou-se, na Paraíba, com sua prima Joana Francisca de Sá e Benevides, filha do Dr. Francisco Tavares de Sá e Benevides e de Joana Francisca de Sá e Albuquerque, neta paterna de Luís José Correia de Sá e Ana Maria de Sá e Benevides e materna do Capitão José Gomes de Sá e Maria Lourença Correia de Sá. Filhos: 1 — Maria Emília de Sá e Benevides, casa com seu primo Dr. João Gualberto Gomes de Sá, que por muitos anos foi Juiz Municipal de Mombaça, e, posteriormente, Juiz de Direito da Comarca de Sousa e deputado, em várias legislaturas, da Assembleia Paraibana. Um filho do Dr. João Gualberto, de igual nome, oficial superior do Exército, teve larga actuação no Estado do Paraná, onde morreu na campanha do Contestado, em 1911, quando comandava a Polícia paranaense. Sobre este militar o historiador paranaense Daví Carneiro escreveu interessante livro; 2 — Joana Benevides de Figueirêdo e Sá, casada com seu parente Desembargador Luís Paulino de Figueiredo e Sá (pais do Dr. Fernando Benevides Figueirêdo e Sá, actual Juiz Municipal de Saboeiro); 3 — Francisca de Sá e Benevides, casada com seu primo Fausto Lopes de Sá e Benevides; 4 — António Pedro de

Sá e Benevides, casado em primeiras e segundas núpcias com suas primas Cipriana Augusta Feijó Benevides e Fausta de Sá e Benevides; 5 — José Tavares de Sá e Benevides, casado com sua prima Maria do Carmo Feijó Benevides (meus pais).

6) FRANCISCA GOMES DE SÁ E BENEVIDES. Casou-se com Francisco de Araújo Chaves, neto de António Lemos de Almeida. Filhos: 1 — José Severino de Araújo Benevides, casado, na Paraíba, com uma prima filha do Dr. José Joaquim de Sá e Benevides. Naquele Estado residem os seus descendentes; 2 — Maria Amélia de Araújo Benevides, casada com António Sancho de Carvalho, neto do Capitão Antônio Honorato.

7) ANA FRANCISCA DE SÁ E BENEVIDES. Foi casada com seu parente Joaquim Pereira do Nascimento e Sá, irmão do Padre João António do Nascimento e Sá e pai do Dr. Eneias Cavalcante de Nascimento e Sá (Joaquim Pereira do Nascimento e Sá fora casado em primeiras núpcias com Joana Cavalcante de Albuquerque). Filhos: 1 — Maria Benevides de Figueiredo e Sá, casada com seu parente Dr. Adolfo Paulino de Figueiredo e Sá; 2 — Ana Maria de Sá e Benevides, casada com seu primo António Pedro de Araújo Benevides; 3 — Maria Amália de Sá e Benevides, segunda mulher de Silvino Lopes de Sá e Benevides; 4 — Maria Amélia de Sá e Benevides, falecida solteira; — 5 Maria do Carmo de Sá e Benevides, solteira; 6 — Francisco Pereira de Sá e Benevides, casado com Cristina Aderaldo Benevides, filha do Cel. José Aderaldo de Aquino.

8) JOANA GOMES DE SÁ E BENEVIDES, falecida solteira.

9) HENRIQUETA GOMES DE SÁ E BENEVIDES, falecida solteira.

Todos os Benevides do Ceará descendem do casal José Joaquim de Sá e Benevides e Francisca Gomes de Araújo Benevides.

Alguns anos depois da vinda do Padre Sarmento Benevides para Mombaça, ali também chegou seu parente Padre João do

Nascimento e Sá, acompanhado de muitas pessoas de sua família, inclusive sua irmã Antonina, casada, em primeiras núpcias, com António José Pereira de Sá e, em segundas, com Manuel Soares da Silva. É a avó paterna de António Soares do Nascimento e Sá, actual Prefeito de Senador-Pompeu, e bisavó do farmacêutico Tertuliano Vieira e Sá. Nomeado Coadjutor da freguesia, que compreendia os actuais Municípios de Mombaça, Pedra-Branca e Senador-Pompeu, passou o Padre João do Nascimento e Sá, a residir na então povoação de Pedra-Branca, onde, posteriormente, foi Vigário, ao ser criada a freguesia. Seus irmãos e parentes deixaram grande descendência, hoje espalhada em alguns Municípios do Estado. Seu sobrinho, Padre João António do Nascimento e Sá, substituiu o Padre Sarmento Benevides como vigário da freguesia de Nossa Senhora da Glória de Mombaça, onde também foi chefe político de real prestígio, filiado ao partido liberal, deputado provincial em duas legislaturas e presidente da Assembleia. Faleceu em 1884. O Grupo Escolar de Mombaça tem seu nome, justa homenagem a seus incontestáveis méritos.

Fortaleza, 11.8.47